

ATENÇÃO A SAÚDE DA MULHER ASSOCIADA ÀS COMPLICAÇÕES PROVENIENTES DO MÉTODO EPISIOTOMIA UTILIZADA NO PARTO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

ATTENTION TO WOMEN'S HEALTH ASSOCIATED WITH COMPLICATIONS
ARISING FROM THE USE OF THE EPISIOTOMY METHOD USED IN BIRTH:
AN INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

Juliana Lima Reis ¹
Regiane de Jesus Almeida ¹
Viviane Santana da Silva ¹
Fabiely Gomes da Silva Nunes ²

RESUMO

A episiotomia, um procedimento cirúrgico realizado no momento do parto gera inúmeras consequências, como ausência do prazer sexual, incontinência urinária, infecção e dor no corte no pós-parto e durante relações sexuais, entretanto, seu uso se dá pela justificativa de que há risco de laceração grave no períneo ou um progresso insuficiente do parto para favorecer a passagem do feto. O presente estudo busca identificar o quanto esta técnica é utilizada de modo equivocado e frequente, as consequências relacionadas e como isto pode interferir na vida da mulher de modo geral. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura científica, a partir de consultas de análises feitas em diferentes sites como as plataformas BVS, SciELO, Google Acadêmico, Brazilian Journal of Development e PubMed, sobre a realização da técnica, o conhecimento que as mulheres possuíam do método, as informações fornecidas pelos profissionais de saúde e quais complicações surgiram posteriormente a sua utilização. Após análise dos artigos encontrados, pode ser notado um alto índice de sua utilização de modo desnecessário, a falta de conhecimento por parte das gestantes e diversos problemas adquiridos posteriormente, tanto emocionais quanto físicos. É evidente que a prática da episiotomia não possui algum benefício comprovado, portanto, para garantir uma melhor qualidade de vida a mulher principalmente na fase do puerpério, é a diminuição da utilização de sua prática para evitar ou diminuir os desconfortos, as dores e as consequências subsequentes que podem interferir em sua saúde física, emocional e conjugal.

Palavras-chave: Episiotomia. Saúde da mulher. Período pós-parto.

¹ Viviane Santana da Silva do curso de Fisioterapia do Centro Universitário UniFTC de Vitória da Conquista (UniFTC/ Vitória da Conquista), e-mail: viviany.com18@gmail.com

¹ Regiane de Jesus Almeida do curso de Fisioterapia do Centro Universitário UniFTC de Vitória da Conquista (UniFTC/ Vitória da Conquista), e-mail: regianealmeidareh@gmail.com

¹ Juliana Lima Reis do curso de Enfermagem do Centro Universitário UniFTC de Vitória da Conquista (UniFTC/ Vitória da Conquista), e-mail: juruba.lima@gmail.com

² Fabiely Gomes da Silva Nunes do Centro Universitário UniFTC de Vitória da Conquista (UniFTC/ Vitória da Conquista), Colegiado de Farmácia, e-mail: fabiely.nunes@ftc.edu.br

ABSTRACT

The episiotomy, a surgical procedure performed at the time of delivery, generates numerous consequences, such as absence of sexual pleasure, urinary incontinence, infection and pain in the postpartum cut and during sexual intercourse, however, its use is due to the justification that there is a risk severe tear in the perineum or insufficient progress of labor to allow for the passage of the fetus. The present study seeks to inform how this technique is used incorrectly and frequently, the related consequences and how this can interfere in women's lives in general. This is a narrative review of the scientific literature, based on analysis consultations carried out on different sites such as the platforms BVS, SciELO, Google Scholar, Brazilian Journal of Development and PubMed, on the performance of the technique, the knowledge that women had of the method, the information provided by health professionals and which complications arose after its use. After analyzing the articles found, a high rate of unnecessary use can be noted, the lack of knowledge on the part of pregnant women and several problems acquired later, both emotional and physical. It is evident that the practice of episiotomy does not have any proven benefit, therefore, to ensure a better quality of life for women, especially in the postpartum phase, it is necessary to reduce the use of its practice to avoid or reduce discomforts, pains and consequences. consequences that can interfere with your physical, emotional and marital health.

Keywords: Episiotomy. Women's health. Postpartum period.

1 INTRODUÇÃO

Com a utilização de intervenções cirúrgicas realizadas de forma desnecessária, as parturientes perdem cada vez mais sua autonomia em todo o processo do parto e têm seus direitos negligenciados. Essas intervenções podem trazer consequências para a saúde física e mental da gestante, e são consideradas uma violência obstétrica. Com isto, um procedimento praticado com frequência e que está relacionado a violência obstétrica no Brasil é a episiotomia, uma incisão cirúrgica realizada na região do períneo da mulher com a finalidade de facilitar a expulsão do feto no momento do parto (BRASIL, 1996; DENGGO, 2016).

O guia prático de Assistência ao Parto Normal, elaborado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) assegura que este procedimento pode ser realizado em até 10% dos partos normais. O Ministério da Saúde (MS) em sua 1ª edição do livro: Parto, Aborto e Puerpério - Assistência Humanizada à Mulher, e a Resolução 0477/2015 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), informa que deve ser feita apenas se realmente necessário, com autorização da mulher e garantir a preservação do períneo. Entretanto, não há evidências científicas que comprovem sua necessidade e podendo ser evitada com estratégias para deixar a musculatura mais elástica, como atividade física para o fortalecimento da região pélvica e mudança de posição ao longo do trabalho de parto (BRASIL, 1996; BRASIL, 2001; LEMOS, 2014).

A episiotomia não preserva a mulher de um possível trauma perineal como alguns especialistas relatam, pois seus efeitos são mais adversos do que benéficos e que implicará em sua qualidade de vida. Esta pode causar inúmeras complicações, dentre elas destaca-se, infecções, dor durante as relações sexuais e incontinência urinária. Na maioria dos casos se torna uma violência obstétrica, o procedimento é

realizado sem o consentimento da mulher onde o termo de autorização que a mesma deveria assinar não é ofertado (BENTO, 2006; CARNIEL, 2019).

Diante do exposto, o presente estudo tem por objetivo relatar os principais problemas relacionados à utilização da técnica da episiotomia durante o parto e como isto pode interferir na vida da mulher tanto em aspectos físicos quanto emocionais a partir de pesquisa de análise bibliográfica.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão narrativa, apropriado para discutir o estado da arte de um determinado assunto. É constituída por uma análise ampla da literatura, de caráter analítico e científico, a partir de buscas de estudos nas bases de dados: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico, Brazilian Journal of Development e PubMed. Em todas as plataformas e portal a busca de informações para a construção deste trabalho se deu pela utilização dos descritores: Episiotomia; Violência Obstétrica; Parto Normal; Lacerações; Périneo, no intervalo de 2007 a 2022.

Após a busca nas bases de dados foram encontradas 50 publicações relacionados a episiotomia, mas apenas 11 contemplaram o tema, sendo 04 referências no SciELO, 03 no BVS, 02 no Google Acadêmico, 01 no Brazilian Journal of Development e 01 no PubMed. Como método para inclusão, foram utilizados estudos que abordassem o tema episiotomia e violência obstétrica no período de 2007 a 2022. O de exclusão, após leitura na íntegra, materiais com data de publicação inferior a 2006, duplicados, incompletos, os que tinham relação com o assunto mas não atendiam o objetivo do estudo.

A leitura dos artigos na íntegra permitiram a identificação de três categorias de análise e organização, a saber: o alto índice da prática rotineira da episiotomia, a falta de informação e conhecimento a mulheres sobre o assunto e as consequências da utilização desse método.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca dos artigos que compuseram este estudo identificou 50 referências sobre o tema, das quais 11 publicações foram incluídas na revisão, conforme apresentados na tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição e seleção de artigos para composição da revisão da literatura científica.

CATEGORIA	TÍTULO	AUTOR / ANO	OBJETIVO	METODOLOGIA
ALTO ÍNDICE DA PRÁTICA ROTINEIRA DA EPISIOTOMIA	Prática rotineira da episiotomia refletindo a desigualdade de poder entre profissionais de saúde e mulheres	SANTOS et. al., 2008	Identificar o conhecimento e a participação das parturientes nas decisões sobre a episiotomia durante o processo de parturição.	Estudo do tipo exploratório, qualitativo, realizado em um Hospital Escola, localizado no interior do estado de Minas Gerais, credenciado para atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e vinculado assistência, ao ensino e à pesquisa

CATEGORIA	TÍTULO	AUTOR / ANO	OBJETIVO	METODOLOGIA
ALTO ÍNDICE DA PRÁTICA ROTINEIRA DA EPISIOTOMIA	Conhecimento, atitude e prática dos obstetras brasileiros em relação à episiotomia	CUNHA et. al., 2019	Determinar o nível e os fatores associados a conhecimento, atitude e prática (CAP) dos obstetras brasileiros em relação à episiotomia	Estudo de corte-transversal do tipo inquérito CAP com obstetras atuantes no território brasileiro. Criado um formulário eletrônico, que foi enviado por e-mail pelo sistema Google Doc, posteriormente realizou uma análise multivariada de regressão logística múltipla
	Prática da episiotomia: fatores maternos e neonatais relacionados	PELLISSARI et.al., 2022	Analisar a incidência da episiotomia e os fatores maternos e neonatais relacionados	Estudo transversal, retrospectivo, que analisou 11.809 prontuários de mulheres que evoluíram ao parto vaginal. Realizou-se o teste qui-quadrado para identificar fatores relacionados ($p < 0,05$)
FALTA DE CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO DAS MULHERES	Episiotomia: em foco a visão das mulheres	PREVIATTI et.al., 2007	Identificar a visão de um grupo de puérperas, em relação à episiotomia	Estudo qualitativo, com participação de 20 mulheres, no período pós-parto de abril a junho de 2004. Para coleta utilizou um instrumento semiestruturado
	A Episiotomia na percepção das puérperas	DENGO et.al., 2016	Conhecer como a parturiente foi informada e orientada quanto à realização da episiotomia no parto	Pesquisa qualitativa e descritiva, por meio de entrevista semiestruturada a 08 puérperas, internadas na maternidade pública do Estado do Paraná, em fevereiro de 2015
	Prática da episiotomia no parto: desafios para a enfermagem	POMPEU et.al., 2017	Identificar o conhecimento de puérperas sobre a episiotomia e como se deu a realização dessa prática no parto.	Pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, realizada em um hospital no Rio Grande do Sul
	Episiotomia o (des) conhecimento da puérpera	PEREIRA et.al., 2021	Descrever o conhecimento das puérperas sobre a prática da episiotomia	Pesquisa exploratória descritiva, qualitativa, em um Hospital Geral filantrópico na cidade de Maceió, com 20 puérperas que foram submetidas à episiotomia
CONSEQUÊNCIA DO USO DA EPISIOTOMIA	Repercussões da Episiotomia sobre a sexualidade	PROGIANTI et.al., 2008	Descrever as sensações vivenciadas pelas mulheres durante a realização da episiotomia e analisar as repercussões desta prática sobre sua sexualidade	Estudo de natureza qualitativa com 08 mulheres em uma maternidade pública da Secretaria Municipal de Saúde da Cidade do Rio de Janeiro, de setembro a dezembro de 2005

CATEGORIA	TÍTULO	AUTOR / ANO	OBJETIVO	METODOLOGIA
CONSEQUÊNCIA DO USO DA EPISIOTOMIA	Mensuração e caracterização da dor após episiotomia e sua relação com a limitação de atividades	BELEZA et. al., 2012	Mensurar e caracterizar a dor perineal em primíparas submetidas ao parto normal com episiotomia e verificar as atividades limitadas pela dor	Estudo descritivo com 50 mulheres em pós-parto vaginal com episiotomia. Para avaliação da dor utilizou a Escala Numérica, o Questionário McGill e o formulário para analisar as atividades que estavam limitadas
	O uso da episiotomia no Sistema Único de Saúde Brasileiro: A percepção das parturientes	GARRET et.al., 2016	Mapear as percepções das parturientes sobre à episiotomia com ou sem seu conhecimento e consentimento e suas consequências no pós-parto	Tratou-se de uma pesquisa do tipo descritiva qualitativa com 50 parturientes
	História oral de vida temática de mulheres em relação à episiotomia	CAMBOIM et.al., 2017	Analisar o conhecimento das mulheres diante da prática da episiotomia; apresentar as consequências físicas e emocionais decorrentes da realização da episiotomia e relatar a importância de informar as mulheres sobre seus direitos durante o parto	Pesquisa qualitativa, na qual foi utilizado o recurso da História Oral de Vida Temática, realizado na maternidade Dr. Peregrino Filho, no município de Patos – PB, com 05 multigestas que estavam no puerpério imediato, eram maiores de 18 anos e tinham vivenciado o procedimento de episiotomia em gestações anteriores

Ao analisar os artigos que versavam sobre o tema percebe-se que há um alto índice de utilização do procedimento episiotomia de modo desnecessário, falta de conhecimento por parte das gestantes sobre o assunto, bem como de suas possíveis complicações que afetam tanto a sua saúde física quanto mental.

3.1 Alto índice de uma prática rotineira

As evidências encontradas durante o estudo apontam que frequentemente as gestantes são submetidas a episiotomia, e nem mesmo são informadas sobre o assunto antes. Santos e Shimo (2008), em seu estudo exploratório realizado em um hospital escola no estado de Minas Gerais, observou o desconhecimento das mulheres sobre a capacidade do seu corpo de parir fisiologicamente, como também seus direitos, e que por isso elas aceitam a dominação do profissional com normalidade, e que a prática da episiotomia foi naturalizada a ponto de ser considerada parte inevitável do processo.

Duas análises distintas sobre a prática da episiotomia pode constatar uma taxa bem acima do recomendado pela OMS (10%), na pesquisa realizada por Cunha et al., (2019) com mais de mil obstetras atuantes no Brasil, os autores verificaram que a maioria dos participantes tinha conhecimento, atitudes e práticas inadequadas em relação à episiotomia, e que o número de realizações permanecem bem acima do ideal. Já Pelissari et al., (2022) analisou milhares de prontuários e notou que a prática da episiotomia ultrapassava os 59%, e afirma que quando se trata do respeito à

fisiologia do nascimento e a individualidade das mulheres a sua prática deve ser desencorajada, para garantir o fortalecimento dos cuidados maternos.

Nota-se que, com o passar dos anos a prática da episiotomia continua sendo alta e rotineira, e por se tratar de um procedimento cirúrgico não deve ser aplicado em todos ou em qualquer caso sem uma adequada avaliação médica, e para evitar que este método seja realizado de modo equivocado, a mulher precisa ser sempre consultada antes, para que assim, seja evitada uma desapropriação de seu corpo e os seus direitos não sejam violados.

3.2 Falta de conhecimento e informações às mulheres

Um estudo realizado por Previatti e Sousa (2007), em uma maternidade no Planalto Norte Catarinense com vinte mulheres no pós-parto, demonstra que apesar de todas as puérperas terem realizado o pré-natal, não receberam informações a respeito da prática da episiotomia nesses encontros com os profissionais durante as consultas de rotina, assim o que prevalece na maioria delas é o desconhecimento sobre o assunto, a experiência foi adquirida na prática e algumas por conversas com familiares ou conhecidos que não sabiam com exatidão do que se tratava, mas nunca por profissionais da saúde. Dengo e colaboradores (2016) realizou um estudo com oito puérperas em uma maternidade do Sul do Brasil, e identifica um resultado semelhante ao encontrado por Previatti; Sousa (2007), apresentando relatos da falta de conhecimento das mulheres no puerpério sobre o que seja a episiotomia, sua indicação e as consequências, ainda que realizado o pré-natal com profissionais da saúde, o que demonstra que apesar dos anos o modelo tecnocrático pautado na figura do profissional da saúde detentor do conhecimento ao não repassar sua experiência do assunto, a mulher se faz coadjuvante e submissa de uma situação no qual deveria ter o papel principal nesse momento tão importante de gestar e parir.

Pompeu et al., (2017) ao realizar uma pesquisa qualitativa na unidade tocoginecológica em um hospital no Rio Grande do Sul, menciona que a ideia de que a técnica facilita o parto, é uma tática de mascarar o método, sendo disseminada pelo desconhecimento das mulheres a respeito da prática e de seu próprio corpo que é visto como defeituoso e incapaz de realizar o parto sem o auxílio da episiotomia.

Assim, Pereira et al., (2021) em seu estudo realizado com vinte puérperas em um hospital em Maceió no Estado do Alagoas, menciona o quanto a falta de conhecimento dessas parturientes a leva a realização da episiotomia sem o seu consentimento, isso vem a comprovar o poder exercido pelo profissional no momento do parto, no qual tira da mulher sua liberdade para escolher se realizará a episiotomia ou não, prática que devem ser desencorajada por se tratar de uma omissão de informação conduzida pela atenção desumana que assim vêm se tornar uma violência obstétrica com essas parturientes.

Nesse viés, o desconhecimento das gestantes, ocasionado pela ausência de educação em saúde que deveria ser direcionada às gestantes pelos profissionais é uma prática errônea, pois inviabiliza a autonomia da mesma sobre seu próprio corpo, além de negligenciar o seu direito de escolha sobre as práticas utilizadas durante o parto.

3.3 Consequências da utilização do método de episiotomia.

Progiant; Araújo; Mouta (2008), em um estudo com dez mulheres em uma maternidade do Rio de Janeiro, encontrou relatos de dores durante a sutura e uma grande preocupação das mulheres relacionada à ocorrência de algum tipo de “arruinamento” em sua região íntima. Na questão sexual, relataram dispareunia,

acanhamento, complicações para terem relações sexuais e possuírem a impressão de que o ferimento estava aberto.

A dor perineal foi abordada por Beleza et al., (2012) em um estudo descritivo realizado com cinquenta mulheres no Centro de Referência da Saúde da Mulher, em Ribeirão Preto, interior de São Paulo; constatou-se que um tempo maior de parto pode influenciar na dor na região do períneo. As mulheres apresentaram queixas da limitação da realização de atividades corriqueiras como repousar, sentar e andar, devido à presença da dor caracterizada como desconfortável, acalorada, pulsante, doída e que repuxa.

A pesquisa realizada por Garret, Oselame e Neves (2016), com cinquenta mulheres em um Centro Médico Hospitalar de referência, na cidade de Campo Largo – Paraná, observou que os profissionais de saúde foram negligentes e não explicaram ou apresentaram à episiotomia, suas consequências e os cuidados pós incisão, o que ocasionou desde infecção na área do corte, micção involuntária, a dispareunia e ausência do prazer sexual.

Camboim et al., (2017) realizou um estudo com cinco mulheres na Maternidade Dr. Peregrino Filho, no município de Patos – Paraíba, e observou consequências tanto emocionais quanto físicas, como o receio de realizar algum tipo de esforço e a privação de se alimentar para evitar a realização de suas necessidades básicas, como evacuar, na busca de evitar a abertura da sutura e problemas relacionados. Desconfortos físicos foram mencionados como sensibilidade na área da cicatrização do corte e medo da prática de relações sexuais.

As consequências direcionadas pela realização desse procedimento cirúrgico, afeta tanto a integridade física quanto psicológica na vida da parturiente. A análise de sua prática e consequências em diferentes estados brasileiros constata que a utilização do método inadequado, rotineiro e sem preparo, reflete negativamente em seu período pós-parto e regride sua recuperação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da episiotomia deve ser reduzida ao máximo, pois a mesma apresenta consigo muitas complicações e consequências, como a infecção, dor e desconforto no local do corte, incontinência urinária, dispareunia, entre outras que são danosas à saúde da mulher, além disso, a não existência de pesquisas científicas que afirmam a eficácia da mesma durante o parto vêm para validar a tese mencionada.

Assim, o modelo médico pautado na contenção de informações dos profissionais em favor dos seus ideais, em detrimento a saúde da mulher, deve ser revisto e evitado, pois essa prática continua muito presente nos hospitais e maternidades do país, impossibilita o conhecimento feminino e o direito de escolha da mesma sobre a realização ou não da episiotomia.

Desse modo, além de contrariar o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) menciona sobre parto humanizado, que tem como foco a participação ativa da mulher, o oferecimento de todos os recursos necessários na promoção, prevenção e proteção à saúde de forma eficaz, a fim de possibilitar maior autonomia e qualidade de vida, no qual inviabiliza também a resolução do COFEN, em que busca promover a educação em saúde baseado nos direitos sexuais, reprodutivos e de cidadania.

Nesse viés, compreende-se que acima de tudo a opinião e o desejo da mulher deve ser respeitado, e para que elas possam escolher a melhor opção para o seu parto, os profissionais devem informar e orientar as parturientes sobre todas as opções que elas possuem, bem como explicar os benefícios e malefícios que cada conduta trás e que a humanização no atendimento esteja sempre presente para que

possam ser acolhidas em todas as circunstâncias, ouvidas e respeitadas em cada escolha que tiverem. Sendo assim, a autonomia feminina sobre seu corpo e sua vida será exercida plenamente em que terá o papel principal nesse momento tão importante.

REFERÊNCIAS

BELEZA, A. C.S. et al. **Mensuração e caracterização da dor após episiotomia e sua relação com a limitação de atividades**. Rev. Bras. Enferm, v. 65, n. 2, p. 264-8, mar-abr. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/3RP53q6RCZjBgjrR3r8vz9k/?lang=pt>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

BENTO, Paulo A. D. S. S.; SANTOS, Rosangela D. S. **Realização da episiotomia nos dias atuais à luz da produção científica: uma revisão. Revisão Crítica**. Esc. Anna Nery, v. 10, n. 3, dez. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ean/a/367RRVsXmLFwhp6DbyZBwrJ/?lang=pt>. Acesso em: 10 de agosto de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Parto, Aborto e Puerpério: Assistência Humanizada à Mulher**. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica da Mulher – Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd04_13.pdf&ved=2ahUKEwjxxeutzKH7AhU0uZUCHVS5Bu8QFnoECBcQAQ&usq=AOvVaw3iPNBvh13mA66SjTPYcv4G. Acesso em: 12 de agosto de 2022.

BRASIL. Organização Mundial da Saúde. **Maternidade Segura: Assistência ao Parto Normal: um guia prático**. Relatório de um grupo técnico. Brasília, 1996.

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/bvsmis/resource/pt/mis-9570>. Acesso em : 11 de agosto de 2022.

BRASIL. **RESOLUÇÃO COFEN Nº 0477/2015**. Dispõe sobre a atuação de Enfermeiros na

assistência às gestantes, parturientes e puérperas. Conselho Federal de Enfermagem. Brasília, 23/04/2015. Disponível em:

http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-04772015_30967.html. Acesso em: 09 de agosto de 2022.

CAMBOIM, F.E. de. et al. **História oral de vida temática de mulheres em relação à episiotomia**. Arquivos de Ciências da Saúde, v. 24, n. 2, p. 25-32, abr-jun. 2017.

Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=consequ%C3%AAncias+episiotomia+&btnG=#d=gs_qabs&t=1667488690712&u=%23p%3DhPOEWJehz4QJ. Acesso em: 12 de outubro de 2022.

CARNIEL, Francieli.; VITAL, Durcelene D. S.; SOUZA, Tiago D. P. D. **Episiotomia de rotina: necessidade versus violência obstétrica**. Journal of Nursing and Health, v. 9, n. 2, p. 199-204, 2019. ISSN: 2236-1987. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/14425>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

CUNHA, Carolina Maria Pires. et al. **Conhecimento, atitude e prática dos obstetras brasileiros em relação à episiotomia**. Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia [online], v. 41, n. 11, p. 636-646, nov. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31745956/>. Acesso em: 10 de Outubro de 2022.

DENGO, V.A.R. et al. **A EPISIOTOMIA NA PERCEPÇÃO DE PUÉRPERAS**. Biblioteca virtual em saúde. Cogitare Enfermagem, [S.l.], v. 21, n. 3, p. 1-8, out-dez. 2016. ISSN 2176-9133. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-2270>. Acesso em: 02 de novembro de 2022.

GARRETT, C. A.; OSELAME, G, B.; NEVES, E, B. **O uso da episiotomia no Sistema Único de Saúde Brasileiro: a percepção das parturientes**. Biblioteca virtual em saúde, v. 9, n. 3, p. 453-459, set-dez. 2016. Artigos Origina1s. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-832982>. Acesso: 10 de outubro de 2022.

LEMOS, Andrea. **Fisioterapia Obstétrica Baseada em Evidências**. Rio de Janeiro: MedBook – Editora científica Ltda, 2014. Base de dados: Minha Biblioteca – UNIFTC. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786557830239/pageid/1>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

PELLISSARI, Luana Carolina Back. et al. **Prática da episiotomia: fatores maternos e neonata1s relacionados**. Rev. eletrônica de enfermagem, v. 24, n.18, p. 1-8, jan. 2022. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?start=20&q=related:9_EtWiCwSMkJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5#d=gs_qabs&t=1664992402261&u=%23p%3DtRefBCirbxIJ. Acesso em 13 de outubro de 2022.

PEREIRA, L.P da S. et al. **Episiotomia: o (des) conhecimento da puérpera**. Brazilian Journals of Development, Curitiba - PR, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 20527–20538, fev. 2021. ISSN: 2525-8761. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/25382>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

POMPEU, K. da C. et al. **Prática da episiotomia no parto: desafios para a enfermagem**. Biblioteca virtual em saúde. Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro, v. 7, n. 1, p. 1-8, abr. 2017. DOI: 10.19175/recom.v7i0.1142. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-982841>. Acesso em: 29 de outubro de 2022.

PREVIATTI, J.F.; SOUZA, K.V. **Episiotomia: em foco a visão das mulheres**. Revista Brasileira de Enfermagem [online], v. 60, n. 2, p. 197-201, abr. 2007. ISSN 1984-0446. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/HcQ7JgG9yZhjcXc4pg3ZHZs/?lang=pt>. Acessado em: 22 de outubro 2022.

PROGIANTI, J.M.; ARAÚJO, L.M.; MOUTA, R.J.O. **Repercussões da episiotomia sobre a sexualidade**. Esc. Anna Nery, v.12, n.1, p. 45-49, mar. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/93MjPCPgbnMrHCRXXgXZf4y/?lang=pt>. Acesso: 05 de outubro de 2022.

SANTOS, J. de O.; SHIMO, A.K. **Prática rotineira da episiotomia refletindo-se desigualdade de poder entre profissionais de saúde e mulheres**. Escola Anna Nery [online], v. 12, n. 4, p. 645-650, dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/xGcvpnD8hXwV3mmhvQqrM9Q/?lang=pt#>. Acesso: 10 de Outubro de 2022.

VASCONCELOS, D.I.B. de; FÔNSECA, L.C.T. da; ARRUDA, A.J.C.G. de. **EPISIOTOMIA SOB A ÓTICA DE MÉDICOS E ENFERMEIROS OBSTETRAS: CRITÉRIOS**. Revista de Enfermagem – UFPE [online], v. 6, n. 5, p. 1038-1045, mai. 2019. ISSN: 1981-8963. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/7168/6477>. Acesso em: 02 de maio de 2022.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa – 2. ed. rev. Atualizada**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011. Disponível em: <https://www.atfcursosjuridicos.com.br/repositorio/material/3-leitura-extra-02.pdf>. Acesso em: 29 de outubro de 2022.